



ADOLESCÊNCIA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS ACERCA DA DROGADIÇÃO

FELDMANN, R. M.¹; SANTOS, T. M.¹; BRAATZ, M. B.¹; SULZBACH, N.¹; SANTOS, C. F.¹; GARCIA, E. L.²

PALAVRAS CHAVE: Adolescentes. Escola. Drogadição. Território. Prevenção.

RESUMO

Este artigo coloca-se como um recorte acerca do fenômeno da drogadição, buscando compreender o espaço que a droga ocupa na constituição subjetiva de adolescentes escolares. Para tanto, sob as lentes da noção de Pesquisa-Ação, elegeu-se como ferramenta para a produção de dados a realização de grupos focais, realizados com 63 adolescentes, entre 12 e 18 anos, em quatro escolas públicas do município de Santa Cruz do Sul, no período de março a julho de 2018. Os resultados apontam que, independentemente do território, os adolescentes demonstram uma atitude ativa diante da proposta de debate, propondo problematizações sobre a drogadição para além das experiências de uso e dependência. Em suas narrativas, divergem entre percepções que remetem a uma escolha individual do sujeito, responsabilizando-o, e outras a uma não-escolha em relação ao envolvimento com a drogadição. Observa-se, ainda, que os sentidos produzidos sobre o que é droga são diversos, relacionando-se às experiências do território. Por fim, considera-se importante o desenvolvimento de intervenções que permitam a circulação da palavra e que se dêem para além da prevenção ao uso drogas, envolvendo os diferentes agentes que compõem as políticas públicas.

ADOLESCENCE AND THE SENSES PRODUCED ABOUT DRUG ADDICTION

KEYWORDS: Teenagers. School. Drugaddiction. Territory. Prevention.

ABSTRACT

This article appears as a clipping about the phenomenon of drug addiction, seeking to understand the space that the drug occupies in the subjective constitution of school adolescents. To this end, under the lens of the notion of Action Research, it was chosen as a tool for the production of data the realization of focus groups, performed with 63 adolescents, between 12 and 18 years, in four public schools in the city of Santa Cruz do Sul, in the period from March to July 2018. The results appear that, independently of the territory, the adolescents demonstrate an attitude activates before the debate proposal, proposing reflections about drug addiction for besides the use experiences and dependence. In their narratives, they diverge among perceptions that send to an individual choice of the subject, making it responsible, and other to a no-choice in relation to the involvement with the drug addiction. It is observed, still, that the senses produced on what is drug are several, linking to the experiences of the territory. Finally, it is considered important the development of interventions that allow the circulation of the word and that happen for besides the prevention to the use drugs, involving the different agents that compose the public politics.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

² Doutora em Psicologia Clínica, docente do Departamento de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa *Narrativas de adolescentes sobre drogas e os serviços de saúde mental CAPSIA e CAPSAD: intersecções possíveis no contexto de Santa Cruz do Sul*, da qual origina este artigo, volta-se para a construção de narrativas com adolescentes em escolas públicas, na interface com os serviços municipais de saúde mental e da atenção primária à saúde, como dispositivos de prevenção ao uso de drogas e promoção de saúde na comunidade. Nisso, o fenômeno da drogadição é tomado em sua dimensão não só individual, mas também histórica e coletiva, compreendendo a importância de operacionalizar ações que envolvam diferentes atores, serviços e setores.

Ainda, a pesquisa é fruto de estudos anteriores sobre a temática, realizados desde 2010 no município. Tais estudos, ao buscarem compreender a realidade do *crack*, apontaram uma importante relação entre a dependência química na vida adulta e o início do consumo na adolescência (GARCIA et al., 2012). Como efeito, os resultados demonstraram a necessidade de desenvolver estratégias que tenham como escopo esta fase do desenvolvimento.

Para Ferreira e Nelas (2006) a adolescência é marcada por modificações biológicas, psicológicas e sociais, caracterizadas, em muitos momentos, pela presença de instabilidade e fragilidade. Isso porque há uma mudança no que diz respeito ao protagonismo do sujeito, dado que ele passa a participar diretamente na construção do próprio projeto de vida (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003). Nesse sentido, Calligaris (2000) afirma que a adolescência é um período de perdas entre a infância e a idade adulta. Para o autor, o adolescente reconhece que perdeu a graça da criança – que antes lhe rendia amor e solicitude – para adentrar em um estado em que, embora a maturação corporal pareça evidente, não lhe garante o lugar de adulto. De acordo com Raupp e Milnitsky-Sapiro (2009), a adolescência é um período que “envolve várias e difíceis mudanças, que requerem novas elaborações psíquicas e reposicionamentos do sujeito frente às mudanças corporais, à reedição de conflitos infantis e às novas exigências que lhe advêm, tanto interna quanto externamente” (p.446). Conforme Torossian (2002), diante das inúmeras mudanças que ocorrem na adolescência, as castrações são reativadas, surgindo uma forte necessidade de buscar meios para encarar e/ou lidar com os conflitos decorrentes deste período.

Dessa maneira, este artigo coloca-se como um recorte acerca do fenômeno da drogadição, buscando compreender o espaço que a droga ocupa na constituição subjetiva de adolescentes escolares, no município de Santa Cruz do Sul. Para tanto, sob as lentes da noção de Pesquisa-Ação, elegeu-se como ferramenta para a produção de dados a realização de grupos focais, favorecendo não somente a produção de espaços de fala e circulação da palavra, mas também a compreensão dos sentidos atribuídos às drogas e a construção de novos questionamentos sobre a temática. Na interface entre os setores da educação e saúde, considera-se ainda que os adolescentes participantes – e as escolas das quais fazem parte – estão situados em um determinado território, que “representa muito mais do que o espaço geográfico. Assim, o município pode ser considerado um território, mas com múltiplos espaços intraurbanos que expressam diferentes arranjos e configurações socioterritoriais” (BRASIL, 2008, p. 54). Em outras palavras, os territórios, dotados de singularidade, são “espaços de vida, de relações, de trocas, de construção e desconstrução de vínculos cotidianos, de disputas, contradições e conflitos, de expectativas e de sonhos, que revelam os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos” (BRASIL, 2008, p. 54).

2 ADOLESCÊNCIA, DROGAS E O CONTEXTO EDUCACIONAL COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA AÇÕES DE PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS

A adolescência é caracterizada por mudanças biopsicossociais constantes, o que favorece o aumento da vulnerabilidade ao uso de drogas, em decorrência do aumento de características como o imediatismo e o comportamento impulsivo (BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015). Além disso, na percepção de Murphey et al (2013), citado por Ribeiro Junior et al. (2016), o primeiro contato dos adolescentes com as drogas (lícitas/ilícitas) é resultado de experimentações relacionadas à aceitação social e necessidade de autoafirmação. Através desse conjunto de processos – sociais e subjetivos – ocorre um movimento da personalidade – antes infantil – na direção da construção de uma personalidade adulta. Como consequência, passar pela adolescência envolve, em algum grau, o sofrimento psíquico, visto que é um processo confuso, marcado por vivências constantemente ambivalentes.

O sentimento de onipotência também é parte da experiência de adolecer, através do qual o adolescente percebe-se, muitas vezes, como um sujeito indestrutível. Correr riscos acaba se tornando uma forma do adolescente reconhecer o poder que possui sobre seu corpo, o que pode trazer consequências tanto positivas, quanto negativas (SANTOS; PRATTA, 2012). Logo, o uso de drogas está diretamente relacionado a aspectos intrínsecos ao sujeito: o movimento constante da busca pelo prazer e de evitação do sofrimento. Nessa perspectiva, as substâncias psicoativas costumam gerar sensações de prazer, anestesiando o sofrimento e gerando uma sensação de completude (RIBEIRO, 2009). Essa promessa de felicidade e as idealizações criadas acerca das drogas podem ser muito atraentes aos adolescentes como escreve Raupp e Milnitsky-Sapiro (2009, p. 23):

“As crianças e os adolescentes podem ser considerados os maiores prejudicados em potencial por esta associação entre consumo e promessas de felicidade, consumo e obtenção de imagens idealizadas. Por estarem, especialmente os adolescentes, em um processo de busca por identificações, posicionamentos e aceitação social, em um período no qual a influência do grupo de amigos e da mídia é proeminente, a busca de “respostas” pela via do consumo de drogas pode ser bastante apelativa”.

Existe também um mistério/tabu acerca do tema, o que provavelmente o torna ainda mais atraente aos adolescentes, sendo característica desta fase a busca por suas próprias respostas acerca do mundo que lhes foi apresentado e as drogas apresentam-se como um terreno desconhecido a ser explorado. Nesse sentido, ter um espaço para falar e refletir sobre o tema é uma oportunidade de saciar a curiosidade de muitos jovens, permitindo que conheçam e tenham liberdade para falar e a chance de, ao mesmo tempo, repensar algumas questões, sem que eles sintam a necessidade de recorrer ao uso para obter as respostas de suas perguntas (SANTOS; PRATTA, 2012).

Enquanto uma problemática multifacetada, que se constitui nas inúmeras relações que o sujeito estabelece com si mesmo, com o outro e com o mundo, o fenômeno da droga e da drogadição passa a ser compreendido na sua complexidade. Na contemporaneidade, a drogadição também passa a ser compreendida por uma cultura apoiada na atividade de consumo e descarte, contemplada por espaços de segregação. Logo, ao refletir sobre a temática, consegue-se encontrar nas pesquisas científicas a ideia de consumo da droga associado à criminalidade e a problemas familiares e de convivência social. Refugiar-se nas drogas, muitas vezes, representa a fragilidade emocional do sujeito frente aos problemas familiares e/ou sociais, assim como a existência de sentimentos, por exemplo, de culpa, solidão e frustração (BRUSCHI, 2012; FERREIRA et al., 2016).

Entende-se que as drogas ocupam um lugar de destaque no contexto dos sujeitos, tendo em vista a carga emocional depositada na substância para amenizar ou evitar o sofrimento e experienciar prazer. Este fenômeno faz pensar não só no uso exacerbado das drogas e suas consequências físicas, como também no sentido produzido na constituição psíquica dos sujeitos e na relação estabelecida com elas (LOPES; SANTINI; ASSIS, 2011).

Sob a ótica da teoria psicanalítica, o fenômeno da drogadição pode ser compreendido como um sintoma em relação aos conflitos internos do usuário (SANTOS; PRATTA, 2012). Nas palavras dos autores:

“A drogadição, tomada como um sintoma psíquico, coloca o indivíduo frente à necessidade de compreender que significados essa formação sintomática embute, ou seja, o que ele busca revelar por meio do sintoma. Nessa linha de pensamento, considerando que os estudos epidemiológicos apontam que a maioria dos indivíduos começa a fazer uso de substâncias psicoativas na adolescência e que esse uso entre adolescentes tem sido cada vez mais intenso e precoce, é importante identificar os significados do sintoma, principalmente nessa fase do ciclo vital (p. 174).”

Nesse cenário, é que o contexto educacional se estrutura como um dispositivo potente para o desenvolvimento de ações de prevenção pautadas pela construção coletiva e circulação da palavra, sendo os adolescentes os protagonistas do diálogo. Desse modo, a interface entre saúde e educação torna-se um recurso valioso para que o trabalho tenha de fato potencial sensibilizador, desenvolvendo ações de caráter preventivo que possibilitem a reflexão e o senso crítico dos estudantes (CARVALHO, 2015). Bittencourt, França e Goldim (2015) concordam com a ideia de que tanto a escola quanto a família devem propiciar a construção da resiliência à problemática das drogas, oportunizando espaços de reflexão, criticidade e acolhimento para que os jovens possam tornar-se aptos a refletirem e mudarem a realidade da qual fazem parte.

A escola e a família, portanto, podem ser pensadas como dois lugares importantes na formação do sujeito, uma vez que ambas têm o compromisso de atuar propiciando o estabelecimento de valores morais, éticos e padrões de conduta socialmente aceitáveis. Tais aspectos, quando bem internalizados, são considerados fatores de proteção ao uso de drogas (MOURA et al., 2015). Ribeiro Junior et al (2016), ao abordarem a pedagogia dialógica de Paulo Freire, apontam que o sentido de prevenir está diretamente ligado ao de educar. Assim, a educação que possibilita aos escolares o aumento da criticidade, da autonomia e da capacidade de escolher é em si preventiva.

No Brasil, as atividades educativas em saúde, dentro do ambiente escolar, tiveram início, de forma oficial, em 1889, sendo voltadas à discussão de comportamentos e hábitos saudáveis. No século XX, o cenário social era de busca por um ser humano que estivesse preparado para as necessidades do mercado de trabalho. Como consequência, as práticas de controle e disciplina na infância eram ações tidas como voltadas à saúde. Com os avanços da ciência, ainda no século XX, começam a nascer novas concepções e práticas de saúde (CARVALHO, 2015). Exemplo disso, a Organização Mundial da Saúde (2006) ressalta a importância de ações visando à promoção da saúde e à diminuição de riscos a serem realizadas nas escolas, dado que a maioria dos adolescentes frequentam esse espaço. No Brasil, em 2007, através do Decreto Presidencial nº 6.286/2007 foi instituído o Programa Saúde na Escola (PSE), uma política que propõe a interlocução entre saúde e educação, com o objetivo de prestar atenção integral à saúde de crianças e adolescentes no âmbito das escolas públicas e unidades básicas de saúde (BRASIL, 2010).

3 A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa configura-se como uma Pesquisa-Ação que, segundo Thiollent (1992), é capaz de proporcionar a integração entre o campo de estudo e a construção do saber científico, de forma que os saberes são construídos e as intervenções pensadas para e pela comunidade em que se insere, objetivando a resolução de problemas coletivos de modo cooperativo e/ou participativo. A pesquisa sob esta perspectiva teórica pressupõe uma escuta que não está tomada pelos discursos totalizantes, pré-estabelecidos e/ou dogmáticos frente à adolescência e à droga. Em outras palavras, ela está delineada a partir de uma proximidade dos sujeitos (sejam eles, professores, pais e estudantes), que possibilita escutá-los em seus anseios, desejos, medos, ideais, assim como seus sonhos, por meio de palavras, silêncios, hesitações, discursos que abrem acessos a muitas significações e sentidos.

Como instrumento para a produção de dados, elegeu-se os grupos focais como ferramenta adequada para a construção de espaços de fala, circulação da palavra e significações em relação às drogas nos territórios estudados. O Grupo Focal é uma técnica de pesquisa qualitativa caracterizada como um grupo de interação, que proporciona uma discussão sobre determinado tema (ROMERO, 2000, citado por SARRIERA; SAFORCADA, 2010). O objetivo desse dispositivo é que seja possível aproximar-se da compreensão, das experiências e perspectivas que os participantes têm sobre a temática (MORGAN, 1988, citado por SARRIEIRA; SAFORCADA, 2010).

A partir disso, neste recorte, são discutidos os dados produzidos através de grupos focais realizados com 63 adolescentes, entre 12 e 18 anos, em quatro escolas públicas do município, no período de março a julho de 2018. A escolha das escolas participantes da pesquisa deu-se através da indicação da equipe do PSE de Santa Cruz do Sul, selecionando tanto instituições municipais quanto estaduais, de bairros centrais, rurais e periféricos. Com autorização da equipe diretiva das escolas e dos responsáveis legais dos adolescentes, em cada instituição formaram-se grupos de aproximadamente 15 alunos, convidados de acordo com os critérios estabelecidos pela equipe diretiva. Os encontros com cada grupo dividiram-se em três momentos: o primeiro teve como objetivo a apresentação do projeto, a construção do vínculo e o desenvolvimento de reflexões iniciais em torno da temática da drogadição. Como disparador, os adolescentes foram questionados com a questão “*O que a palavra droga remete a vocês?*”. As respostas foram expostas em um cartaz, sendo disponibilizados materiais de recorte e colagem; no segundo, retomaram-se as reflexões e percepções do primeiro momento, atentando-se principalmente para os significados atribuídos às questões abordadas; no último e terceiro momento, foi realizada uma produção cultural, que se deu em algumas escolas pelo grafite – em um espaço cedido na própria instituição – e, em outras, através de painéis de tecido. A atividade teve como objetivo o registro físico das discussões e reflexões produzidas no coletivo. Cada encontro teve duração de aproximadamente 50 minutos, sendo áudio-gravado e transcrito sequencialmente.

A discussão dos dados, com base em Mary Jane Spink (2010), teve como questão central: “quais são os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao fenômeno da drogadição?”. Nessa direção, são abordados a seguir os principais achados dessa produção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2013, p. 22), “dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade”. A partir disso, os autores consideram a produção de sentidos um empreendimento social e coletivo, forjado na dinâmica das relações sociais, que partem de uma determinada cultura, tempo e espaço. Ou seja, a produção de sentidos está relacionada ao modo como os seres humanos compreendem e lidam com as experiências e fenômenos a sua volta.

Ao considerar as experiências produzidas com os adolescentes através dos grupos focais, podem ser discutidos os seguintes marcadores: os adolescentes como sujeitos com criticidade em relação à temática; o envolvimento com a drogadição ora como uma escolha do sujeito, responsabilizando-o, ora como uma não-escolha; e a compreensão diversa do que é droga e sua relação com o território.

No primeiro marcador, os adolescentes como sujeitos com criticidade em relação à temática, observa-se que, independentemente do território, os participantes demonstram uma atitude ativa diante da proposta de debate, protagonizando reflexões e problematizações sobre a drogadição. Nas suas narrativas, verbalizam com frequência as consequências negativas do uso e tráfico de drogas, trazendo aspectos relacionados à violência, ao cárcere, a perdas e à morte. Exemplo disso, um dos jovens fala que “a droga leva a pessoa a dois lugares: ou à morte ou à cadeia”. Outro participante diz: “a droga mata”. Embora essas sejam expressões aparentemente esperadas de intervenções dentro de escolas, ressalta-se que são produtos decorrentes de um processo de reflexão atravessado pelas vivências pessoais e coletivas, dentro do território. Como consequência, tratam de uma relação processual dos sujeitos com o fenômeno da drogadição, uma vez que, no primeiro momento, a droga é vista como fonte de prazer, sobrevivência e/ou fuga de realidades conflituosas, mas, em decorrência do envolvimento, apontam para os encontros com a violência, o adoecimento e a restrição de liberdade. Para Moura, Monteiro e Freitas (2016) o uso e/ou abuso de álcool e outras drogas expõe os adolescentes a situações de vulnerabilidade social, apontando a violência como uma dessas situações.

Esse achado faz com que seja possível repensar e problematizar os sentidos e estereótipos atribuídos à adolescência e que são (re)produzidos com frequência na mídia e nas discussões cotidianas. Na medida em que se reconhece a adolescência como uma fase de intensas mudanças e questionamentos, corre-se o risco de produzir, ao mesmo tempo, o discurso generalista de que todo adolescente é, *a priori*, impulsivo, irresponsável, inconsequente e egoísta. Tais discursos totalizantes, como efeito, reforçam a estruturação de intervenções que não consideram esse sujeito como capaz de ser protagonista nas discussões de assuntos que lhe são apresentados. Assim, torna-se frequente a existência de ações pensadas para os adolescentes, através da figura dos especialistas, e não com eles, entendidos, nessa perspectiva, como meros receptores de informações.

Desse modo, diante da postura ativa e crítica dos adolescentes participantes da pesquisa, pode-se apontar a adolescência como campo fértil para a composição de diferentes formas de pensar e produzir sentidos, uma vez que os jovens se mostraram disponíveis à reflexão e atentos às consequências que o mundo os apresenta acerca do uso e/ou tráfico de drogas. Suas narrativas não eram inacessíveis, tampouco demonstraram insegurança para expor sua percepção. Pelo contrário, estavam dispostos a participar da construção conjunta de sentidos e trazer para o grupo aquilo que já fazia parte do seu entendimento.

Ao problematizar a ideia de vulnerabilidade como uma condição natural da adolescência. Silva, Rodrigues e Gomes (2015) escrevem que é preciso levar em conta a dimensão histórica, relacional e social dos indivíduos. Ao citarem Ayres et al (2009), acrescentam que

“o quadro de vulnerabilidade é articulado em três eixos: o componente individual, que diz respeito à qualidade e capacidade de elaborar a informação de que os indivíduos dispõem sobre o problema; o componente social, relacionado ao acesso à informação e serviços de saúde/educação pelos sujeitos, considerando os diferentes segmentos populacionais e suas especificidades; e o componente programático (político-institucional) refere-se aos financiamentos de programas preventivos, ao planejamento das ações, à formação de redes e coalizção interinstitucional para atuação (p. 340).”

Assim, o planejamento de programas preventivos, ao ser tomado como parte também dos processos constitutivos dos sujeitos, necessita constantemente ter seus objetivos, metodologias, posições e efeitos avaliados. O processo de adolecer, nessa direção, deixa de ser um fenômeno exclusivamente do sujeito para ser compreendido em sua dimensão coletiva, assim como a drogadição. Igualmente, as contestações e questionamentos dos adolescentes deixam de serem consideradas características naturais e negativas da adolescência para assumir o lugar de possibilidade para a construção de diferentes projetos de vida e de prevenção. Ribeiro Junior et al (2016) trazem a intervenção com adolescentes como um ato de prevenção através da sensibilização, uma vez que os jovens estão dispostos a refletir. Dessa forma, destaca-se a importância das estratégias de prevenção que não considerem os jovens como meros receptores de informações dos especialistas, mas como agentes ativos no processo de reflexão sobre sua própria realidade.

O segundo marcador traz o envolvimento com a drogadição, ora como uma escolha do sujeito, responsabilizando-o, ora como uma não-escolha. A partir de uma atitude crítica e reflexiva, os adolescentes problematizam a drogadição tendo como foco a sua complexidade. Em outras palavras, eles não trazem relações de causa e consequência, tampouco compreendem a drogadição como um fenômeno unicausal. Nisso, descrevem a importância de não haver discursos generalizantes sobre a drogadição e todo o contexto pelo qual ela é atravessada. Como exemplo, um dos jovens participantes verbaliza que *“existem vários motivos que podem levar alguém a usar ou traficar drogas”*.

A partir dessas problematizações, os adolescentes das quatro escolas participantes produzem sentidos divergentes sobre os motivos relacionados ao envolvimento dos sujeitos com o fenômeno da drogadição. Alguns constroem narrativas que responsabilizam diretamente os indivíduos, entendendo como uma escolha, acima de tudo, individual. A partir disso, um dos jovens pontua que *“a pessoa tem que saber o que é certo e o que é errado”*. Outro acrescenta que *“quem tá nesse caminho é porque escolheu e sabe das consequências”*. É possível observar que quando referem ser uma escolha do sujeito, os participantes trazem aspectos relacionados à capacidade que todos deveriam ter de refletir sobre aquilo que é considerado certo ou errado, bem como às oportunidades e possibilidades que todos deveriam possuir para construir experiências saudáveis e benéficas, a curto e longo prazo. Tais sentidos, pautados pela responsabilização do sujeito usuário e/ou traficantes refletem, novamente, uma estrutura social que tende a culpabilizar os indivíduos por seus problemas e a essencializar suas características, assim como ocorre com os estereótipos da adolescência.

Contudo, muitos, através do coletivo, consideram as intersecções existentes no fenômeno da drogadição, atentando-se para a cultura, as relações, a singularidade dos territórios e para a própria dinâmica da sociedade de consumo. Como consequência, os grupos problematizaram as desigualdades sociais existentes em uma sociedade marcada intensamente pelo consumo e acúmulo de bens materiais. Eles apontam que, a todo o momento, há um chamamento para consumir e que este atinge a todos. Ao mesmo tempo, entendem que nem todos conseguem responder, já que não dispõem das mesmas oportunidades. Diante disso, uma adolescente problematiza: *“a pessoa vende [a droga] e ganha em um dia o que ganharia no mês todo”*. Outro afirma que *“às vezes a pessoa pode usar porque não vê outra saída e pode vender porque precisa sustentar a família”*. Sobre a lógica de consumo, um dos jovens acrescenta: *“a pessoa vê na televisão, na escola, na rua que ter o tênis*

daquela marca é ser legal... Quem não vai querer ter? mas nem todos têm condições e por isso acabam buscando dinheiro rápido e que parece fácil". As relações e a possibilidade de fazer parte de um grupo também são associadas por eles a uma não-escolha do sujeito: "*tem gente que usa porque os amigos usam, porque não quer ficar de fora do grupo, quer pertencer a ele*", afirma uma das adolescentes participantes.

Os sentidos produzidos pelos participantes vão ao encontro ao que Marcelo Navarro de Moraes (2006) escreve sobre o capitalismo:

"pode-se dizer que um dos traços mais marcante do capitalismo é a desigualdade entre as camadas sociais, desigualdade esta evidenciada nos diferentes graus de acesso de cada classe a bens de consumo e serviços, bem como a bens fundamentais como saúde, educação, cultura, lazer, moradia; e ainda, nas diferentes capacidades de intervenção política (p. 122)."

O autor, além disso, afirma que o Brasil é um dos países considerados mais desiguais do mundo, "abrigo pessoas com qualidades de vida, rendas e oportunidades absurdamente desiguais, e que a sociedade brasileira encerra contrastes sociais berrantes, frutos da desigualdade do sistema capitalista" (MORAIS, 2006, p. 122). Lopes (2006), nessa direção, ao citar os estudos de Dubet (1996), escreve que os sentimentos amorosos dos sujeitos, suas opiniões políticas, o modo como se vestem, bem como sua maneira de se relacionar e agir são o produto da forma como cada um se integra subjetivamente aos objetivos do sistema.

No último marcador, a compreensão diversa do que é droga e sua relação com o território, os adolescentes produzem diferentes narrativas sobre o significado do termo "droga", associadas às vivências e dinâmicas dos territórios visitados. Os sentidos não foram homogêneos, o que destaca a necessidade de um trabalho de prevenção aliado às singularidades, experiências e demandas das territorialidades. Em outras palavras, a efetividade das intervenções pauta-se pela substituição de um modelo alicerçado em ações generalistas sobre a temática para um modelo estruturado na aproximação com a realidade inserida.

Assim, os adolescentes de duas escolas entendem a drogadição predominantemente em sua relação com a ilegalidade e violência, não apontando, por exemplo, as nuances que se estabelecem entre lícito-ilícito. Os jovens debatem sobre os diferentes tipos de drogas ilícitas existentes e desejam narrar aquilo que conhecem sobre cada uma delas. O uso abusivo e/ou dependência de álcool, por exemplo, não é fonte de debate, tampouco de problematizações. Ao mesmo tempo, são curiosos quanto ao que ainda não têm conhecimento e trocam informações sobre os efeitos gerados pelo uso de drogas, situações presentes no território, descobertas através da internet e discursos do senso comum. A partir disso, percebe-se uma demanda em falar daquilo que é real, concreto e presente no seu contexto. Aqui, a discussão volta-se à vivência, parecendo não haver espaço para refletir sobre a droga para além da associação entre ilicitude e violência.

Com base nessas observações, é possível pensar em adolescentes que demandam um espaço de escuta e circulação da palavra. Uma escuta que permita a eles o livre diálogo, desprendido dos estigmas sociais que atravessam a problemática da drogadição. Uma escuta que dê a eles o papel de protagonistas de suas narrativas, que oportunize o despertar dos sentidos construídos por eles em suas vivências em seu território. O reconhecimento do território como lugar de produção de sentido parece ser a principal chave para a expressão de narrativas e para a operacionalização de intervenções.

Em contrapartida, os adolescentes das outras duas escolas participantes conceituam o termo droga a partir da relação de dependência e/ou abuso que os sujeitos estabelecem com diferentes substâncias, não sendo restrita à ilicitude e violência. Como consequência, os adolescentes consideram, assim, a bebida alcoólica, as medicações, os alimentos e a tecnologia como substâncias passíveis de dependência e/ou abuso.

Exemplo disso, um adolescente verbaliza que “as redes sociais também viciam, fazendo com que a gente não tenha mais controle sobre o tempo de uso”. O conceito de droga, portanto, é ampliado, alcançando um campo subjetivo e relacional e não somente de substâncias. Tais sentidos reportam às experiências subjetivas desses sujeitos e também, às especificidades dessas territorialidades.

Por fim, os adolescentes, independentemente do território e/ou daquilo que entendem ser droga, reconhecem a relação de prazer estabelecida, em um primeiro momento, com aquilo que consomem. O que diferem, no entanto, são os sentidos construídos em torno das consequências do abuso e/ou dependência: enquanto para alguns a violência assume certa centralidade, para outros, o envolvimento com o fenômeno da drogadição demarca uma relação de descontrole do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse percurso é possível compreender e vislumbrar a adolescência de um modo peculiar em relação ao que se percebe e espera do público adolescente. A adolescência vista e/ou tida como um período de intensas mudanças psicossociais, marcada pela impulsividade e inconsequência, a partir da pesquisa, carrega um viés de protagonismo, reflexão e criticidade. Ao propor espaços de diálogos e interlocuções, em que a circulação da palavra é a chave para a abertura da expressão de sentidos dos adolescentes, pode-se problematizar e repensar os sentidos atribuídos à adolescência.

Os adolescentes das quatro escolas participantes da pesquisa provocam um movimento que se desloca do pressuposto da inconsequência, atribuída socialmente à esta fase, na medida em que participam de forma ativa dos debates propostos nos grupos focais. Eles trazem, inclusive, todo o conhecimento já adquirido em relação à problemática da drogadição, versando sobre as consequências do uso de drogas e as questões advindas deste uso. Suas narrativas identificam fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas, o que contribui de maneira significativa para a construção de estratégias de prevenção e promoção de saúde dos adolescentes.

Através da intervenção no território o fenômeno da drogadição não toma o viés de um fator individual, mas é visto em sua complexidade, na sua dimensão social, histórica e coletiva. Tendo em vista o complexo, não é possível que a solução seja simplória. Nesse sentido, as reflexões dos adolescentes alcançam uma amplitude que configura a necessidade e a importância de ações que se dêem não apenas como foco na prevenção do uso drogas, mas também atuando com uma demanda que necessita dos diferentes agentes que compõem o cenário das políticas públicas.

Nessa perspectiva, considera-se o contexto educacional como um espaço privilegiado para ações desse cunho, tendo em vista, que este é o lugar que os adolescentes passam a maior parte do seu tempo, se identificam, consideram como seu e constroem muitas de suas relações. Ademais, é preciso ressaltar que se faz necessário refletir sobre estratégias que pensem não tão somente a escola, mas que considerem os territórios, onde as mesmas estão inseridas, pensando de forma singular, olhando para as particularidades e especificidades de cada local.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao CNPq e a Fapergs, pelo apoio financeiro, à UNISC e ao Programa de Pesquisa para o SUS (PPSUS) do Ministério da Saúde.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, A. L. P., FRANÇA, L. G., GOLDIM, J. R. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Revista Bioética*, Brasília, vol. 23, n. 2, p. 311- 319, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000200311>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- BRASIL. DAB, Departamento de Atenção Básica. *Programa Saúde na Escola*. 2010. Disponível em: <<http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=legislacoes/pse>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *CapacitaSuas SUAS: configurando os eixos de mudança*. Brasília: Instituto de Estudos Especiais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- BRUSCHI, Adaltr Henrique. O fenômeno da drogadição: possibilidades de intervenção no território escolar. *Caderno Pedagógico*, Paraná, v. 1, p. 2-26, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unioeste_ped_artigo_adaltro_henrique_bruschi.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312015000401207&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 10 fev. 2019.
- FERREIRA, A. et al. Determinantes intra e interpessoais da recaída de dependentes químicos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 18, p. 1-13, mar. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/34292>>. Acesso em: 06 mar. 2019.
- FERREIRA, M., NELAS, P. Adolescências... Adolescentes. *Revista Millenium – Educação, Ciência e Tecnologia*, [s. l.], n. 32, p. 141-162, fev. 2006. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8399/5990>>. Acesso: 02 out. 2018.
- GARCIA, E. L. et al. Conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 36, p. 83-95, 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/2922/2106>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- LOPES, José Rogério. “Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, n. 2, p. 13-24, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/02.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2019.
- LOPES, M. S., SANTINI, T. O., ASSIS, C. L. Fatores que influenciam a recaída ao abuso de drogas: estudo a partir da literatura científica nacional. *Revista Multidisciplinar da Saúde, online*, n. 6, p. 75-89, 2011. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/saudeemfoco/pdf/revistamultidisciplinardasaude_06.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.
- MARTINS, P., TRINDADE, Z., ALMEIDA, Â. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- MORAIS, Marcelo Navarro de. Uma análise da relação entre o Estado e o tráfico de drogas: o mito do “poder paralelo”. *Ciências Sociais em Perspectiva*, Cascavel, n. 8, p. 117-136, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1434/1164>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- MOURA, J. et al. Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. *Revista Intertox-EcoAdvisor de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 117-130, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistarevinter.com.br/autores/index.php/toxicologia/article/viewFile/204/420>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

MOURA, N. A. de; MONTEIRO, M. R. A; FREITAS, R. J. M. de. Adolescentes usuários de drogas (l)ícitas e de violência. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE, online*, v. 10, n. 5, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/13543/16313>>. Acesso em: 09 mar. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um manual para professores e educadores. Departamento de Saúde Mental*, Genebra: OMS, 2006. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/66801/WHO_MNH_MBD_00.3_por.pdf;jsessionid=5E8AE2C4352415185674DEED883E4953?sequence=5>. Acesso em: 24 out. 2018.

RAUPP, L., MILNITSKY-SAPIRO, C. Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 4, p. 445-454, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2009000400005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 mar. 2019.

RIBEIRO, Cynara Teixeira. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 333-346, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200012>. Acesso em: 09. Mar. 2019.

RIBEIRO JUNIOR, W. A. et al. Prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar através do processo de sensibilização e conscientização. *Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX*, Natal, v. 14, n. 1, p. 31-42, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/694>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SANTOS, M. A., PRATTA, E. M. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 167-182, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100010>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SARRIERA, J. C., SAFORCADA, E. T. *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, A. ; RODRIGUES, T.; GOMES, K. Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. *Rev. Psicologia Política*, São Paulo, n. 33, p. 335-354, ago. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n33/v15n33a07.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

SPINK, Mary Jane. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SPINK, M. J., MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

TOROSSIAN, S. D. (2002). *A construção das toxicomanias na adolescência: travessias e ancoragem*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1992.